

# NOTAS SOBRE HUMOR E FRONTEIRAS<sup>1</sup>

## NOTES ABOUT HUMOR AND BORDERS

*Lucas Woltmann Figueiró<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente escrito trata do humor. Com base na análise de casos exemplares que permitam debater o trânsito sutil do humor através das fronteiras da brincadeira, da crítica social e política e do insulto moral, o objetivo é oferecer pistas compreensivas para aqueles que desejam investir em seu estudo crítico. Para tal, o material consultado inclui produções audiovisuais, jornais e periódicos assumidamente humorísticos/satíricos ou não. O tratamento dessas fontes leva em consideração conceitos e problemas colocados pela antropologia e psicanálise a respeito do tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humor e psicanálise. Humor e antropologia. Gênero e sexualidade. Migrações e refugiados.

**ABSTRACT:** The present written is about humor. Based on the analysis of exemplary cases that make it possible to debate the subtle transit of humor across the borders of playfulness, social and political criticism and moral insult, the objective is to offer comprehensive clues to those who wish to invest in their critical study. To this end, the material consulted includes audiovisual productions, newspapers and periodicals that are assumed to be humorous/satirical or not. The treatment of these sources considers concepts and problems posed by anthropology and psychoanalysis on the subject.

**KEYWORDS:** Humor and psychoanalysis. Humor and anthropology. Gender and sexuality. Migrations and refugees.

### 1. INTRODUÇÃO

O humor está na moda. Cada vez mais filmes, programas de entretenimento, noticiários de todos os gêneros exibidos via internet, rádio ou televisão são inundados por performances e versões mais ou menos elaboradas de sátiras e *insights* humorísticos. Seja através de séries, *talk shows*, charges ou “memes” compartilhados nas redes sociais, o humor tem sido acionado como forma de abordar um campo vigoroso de assuntos em disputa e, em muitos casos, de urgente atenção pública. Diferenças e desigualdades em termos de classe, gênero e sexualidade, raça, religião, ou mesmo crises econômicas, disputas políticas, movimentos migratórios e todo cotidiano tem sido transformado em

<sup>1</sup> Agradeço ao suporte financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Graduado em Políticas Públicas (2015), mestre em Desenvolvimento Rural (2018) e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). <https://orcid.org/0000-0002-8247-5493>

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2020.v13.n2.p97-124>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

objeto de humor. Ele “atinge a todos, indistintamente, coisas e pessoas; todos riem, e todos são alvos em potencial do riso”, como lembra Daniel Kupermann (2008, p. 200).

De disposição do ânimo ou estado de espírito à qualidade do que é divertido ou engraçado, do que faz rir, não é tarefa simples definir o humor. Interessado no tema, o sociólogo português Nuno Amaral Jerónimo (2015) explica que esse conceito não tinha seu sentido contemporâneo até meados do século XVIII. Para ele, a etimologia do termo pode ser rastreada no vocábulo latino *humor*, que remete a “líquido” ou “fluido”. Mesmo que esses sentidos não façam jus às concepções hoje usuais, sendo melhor compreendidas à luz da tradição da antiguidade clássica europeia dos quais são tributários, considero que a ideia de “fluidez” ainda seja útil para representar o impulso volátil e flexível subjacente ao humor. Acredito, inclusive, que um dos aspectos mais provocativos para o estudo do humor (de todos tipos e gêneros, profissional ou cotidiano) reside em sua capacidade de transitar de forma sutil, escorregadia e surpreendente através das fronteiras da brincadeira, da crítica social e política e do insulto moral. Mas como levar o estudo desse trânsito adiante? O que ele pode nos dizer sobre o fazer antropológico? Me valendo de casos exemplares que permitam debater esse trânsito, o objetivo do presente escrito é oferecer pistas compreensivas para aqueles que desejam investir em seu estudo crítico.

O material consultado como referência para as análises inclui produções audiovisuais, jornais e periódicos assumidamente humorísticos/satíricos ou não. Dessas fontes, examino particularmente os modos pelos quais temas como gênero, sexualidade, fluxos migratórios e o drama de refugiados são tratados. A ideia não é enquadrar ou considerar cada material de forma definitiva ou exaustiva, mas me valer do que suscitam para ilustrar algumas das tensões em jogo e que lições e pistas compreensivas nos legam. Aliás, como veremos, ser definitivo seria pouco condizente com as características do humor, que dificilmente atua de modo a “encerrar” algo, antes o contrário, possibilita a abertura de novas vias - ainda que paradoxalmente falem de fronteiras.

No que se refere à estrutura, os argumentos deste artigo estão divididos em quatro seções, incluindo essa breve introdução e considerações finais. Partindo de contribuições, conceitos e problemas colocados pela antropologia e pela psicanálise, na segunda seção contextualizo o tema, rastreio pistas compreensivas e arrisco algumas análises. Na terceira, já me valendo dessas pistas, me aventuro a problematizar casos de controvérsias onde o humor (ou tentativas de) está no âmago das discussões. Nessa seção, desafios colocados pelo tratamento do humor à pesquisa antropológica atravessam as discussões e também se tornam objeto de reflexão.

## **2. ALGUMAS PISTAS: CONCEITOS, QUESTÕES E ANÁLISES**

Com base num breve diálogo entre psicanálise e antropologia, a presente seção trata dos modos pelos quais o humor (bem como, noções afins) foi conformado como objeto de reflexão ao longo século XX. Uma primeira pesquisa sobre o tema rapidamente nos conduz ao terreno da psicanálise e aos trabalhos de Sigmund Freud, *Os Chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) e *O Humor* (1927), bem como, às discussões que daí se sucederam – incluindo intelectuais como Jacques Lacan e Donald W. Winnicott para citar figuras internacionais, e Abrão Slavutzky, Daniel Kupermann, e outros/as em solo brasileiro. No âmbito da antropologia, o tema surgiu mais ou menos no mesmo período, mas de modo muito diverso. Robert H. Lowie, Alfred R. Radcliffe-Brown e Mary Douglas, essa já considerando as análises de Sigmund Freud, são alguns dos/as pensadores que arriscaram a tecer notas sobre o assunto. Mas que conceitos, problemas e pistas esses/as pensadores/as nos legaram?

Do verbo alemão *wissen*: saber (KUPERMANN, 2008), mas traduzido no Brasil como *Chiste*, o que Sigmund Freud qualificou como *Witz* pode ser interpretado como um “jogo de prazer com as palavras, de caráter agressivo ou erótico” que, de forma repentina, irrompe o que deveria ficar oculto (SLAVUTZKY, 1983, p. 59-63). Mobilizado para ilustrar a ideia por trás desse conceito, o exemplo que se segue foi retirado do episódio *The One With A Chicken And A Duck*, da terceira temporada de *Friends*, série de comédia exibida nos Estados Unidos da América pela National Broadcasting Company (NBC) entre os anos de 1994 e 2004 e ainda hoje aclamada - e porque não, criticada, como veremos. Como seu nome sugere, o mote da série é a vida e os dilemas de um grupo de seis amigos na cidade de Nova Iorque. No *Witz* que se segue, três de seus protagonistas estão envolvidos, Joey (Matt LeBlanc), Chandler (Matthew Perry) e Phoebe (Lisa Kudrow). Ingressando em casa com uma caixa de sapatos parcialmente fechada, Joey sorri e revela seu interior aos outros, que, surpresos, falam sobre seu inesperado conteúdo:

Chandler: Is a chicken! [surpreso]

Joey: It's cute, há? [empolgado]

Phoebe: You guys, do you know anything about *chicks*? [surpresa e hesitante]

Chandler: Fowl? No [sorrindo]

Chandler: Women? [sorrindo] No [cabisbaixo].

Em séries de comédia como *Friends* e outras do gênero, personagens e situações particulares são articulados de forma a envolver e preparar a audiência para um desfecho cômico, para isso acentuando ou contrariando certos estereótipos e articulando algum jogo de palavras e ideias. Na esteira das contribuições de Sigmund Freud, poderíamos analisar (de forma grosseira, mas didática) esse *Witz* como o resultado de dois processos

articulados, *condensação e deslocamento*. O primeiro se refere ao processo de associação de “várias significações latentes” (SLAVUTZKY, 1983, p. 61) por meio da qual “dois campos de significados se fundem” com vistas a causar surpresa (NATÉRCIA, 2005, p. 7). O segundo, por sua vez, seria o deslocamento ou deslize de uma palavra que, quando pronunciada, muda de sentido (SLAVUTZKY, 1983). O funcionamento desses dois processos está presente no exemplo citado. Sua palavra-chave é “chicks” (derivado de “chicken”), que condensa significados (*pássaro filhote* e, como gíria, *moça*) e, entre a primeira e segunda vez que é explorada, muda de sentido; há um deslocamento em que a palavra alterna entre dois sentidos possíveis, frango (*fowl*) ou mulheres (*women*), e irrompe no final autodepreciativo e notadamente irônico do personagem quando indica não entender de ambos, pintinhos ou mulheres. Par que isso seja compreensível, sua performance (expressão, movimentos, entonação...), a brevidade e a surpresa que exige esse jogo de ideias são fundamentais. Mas apenas isso não basta, a exigência e dificuldade de tradução para o termo e seus sentidos sugere que, para que esse jogo de palavras e ideias surta o efeito desejado e seja bem-sucedido, haveria a “necessidade de um substrato culturalmente compartilhado” (NATÉRCIA, 2005, p. 7).

O sentido desse *Witz* ganha contornos mais claros quando situamos Chandler Bing, personagem que o promulga, dentro da narrativa mais ampla da série. Alguns dos tópicos mais recorrentes nas tentativas de humor em torno do personagem passam por temas como gênero e sexualidade. Indo na contramão de estereótipos de masculinidade “consagrados” para homens heterossexuais (ou seja, pouca beleza e força física, pouco prestígio ou jeito com mulheres, um tanto *geek* nas primeiras temporadas, etc.), é com ele que piadas sobre disfunção erétil e o fato de ter uma mãe hipersexualizada são elaboradas. Não raramente as tentativas de humor sobre ele flertam com insinuações ou circundam o tema da homossexualidade, algo que se amplia pelo fato de o personagem de seu pai na série - com quem, aliás, mantém uma relação conturbada - ser apresentado como transexual de atuação profissional no entretenimento erótico. No *Witz* antes citado, Chandler não hesita e desvia da gozação que costuma receber de seu grupo de amigos por não se enquadrar na representação hegemônica de masculinidade. Para tal, o personagem se lança voluntariamente à condição de pessoa na qual se descobre o elemento cômico e, através desse ato inesperado, opera uma “vitória por meio da derrota” (SLAVUTZKY, 1983, p. 67). Ao atuar de forma a rechaçar as interpelações ou expectativas que vêm do “mundo exterior”, o personagem leva adiante um “triumfo do narcisismo”, isto é, a “vitoriosa confirmação da invulnerabilidade do ego” e do “princípio do prazer” (SLAVUTZKY, 1983, p. 64).

Decerto esse exemplo não se compara ao risco e glamour da menção corajosa e engraçada de Sigmund Freud frente à Gestapo quando, em 1938, ao ser interrogado pelo esquadrão nazista antes de deixar a Áustria, atendeu à exigência de assinar um

documento declarando não ter sofrido maus-tratos. O ponto alto desse documento é quando, de forma espirituosa, Freud acrescenta uma pequena nota - que dá outro tom à mensagem: “Posso recomendar altamente a Gestapo a todos” (KUPERMANN, 2008, p. 193). Segundo Daniel Kupermann, Peter Gay, biógrafo de Freud, interpretou essa menção inicialmente como uma tentativa inconsciente de suicídio. Um ano depois, reconhecendo a complexidade do que estava em jogo, Peter Gay sugeriu a possibilidade desse ato ser “também uma prova de vitalidade de Freud e do seu senso de humor irreprimível”, algo que, para o interesse desse escrito, revela a “ambiguidade irresolúvel que está no fundo de toda piada”: a “incômoda proximidade da angústia com o riso” (KUPERMANN, 2008 p. 198-199). Pelo visto - e felizmente! - Freud não fora bem compreendido pelos oficiais da Gestapo, assim como os entusiastas e censores da ditadura civil-militar brasileira talvez não tenham se perguntado se, como apontou de forma notadamente crítica e irônica o jornalista Alberto Dines na capa do *Jornal do Brasil* do dia 14 de dezembro de 1968, o dia anterior que ficou marcado pelo injustificável decreto do Ato Institucional Nº 5 era realmente o “dia dos cegos” (acima e à direita na **Figura 1**), ou mesmo perceberam a improvável previsão do tempo (acima e à esquerda na **Figura 1**) que, de forma sutil e crítica, denunciava a censura imposta à redação deste e outros jornais pela ordem autoritária vigente: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38°, em Brasília, Min.: 5°, nas Laranjeiras” (DCM, 2018).



Figura 1 - Capa “Jornal do Brasil” (1968). Fonte: DCM (2018)

Nesses exemplos, assim apresentados em virtude de pistas deixadas pelas discussões travadas no âmbito da psicanálise, nos permitem compreender a dinâmica do *Witz* e do humor como um “jogo de linguagem que produz uma reviravolta no sentido do discurso, uma observação que nos surpreende”, que longe de “concluir, doutrinar, encerrar o discurso”, abre “novas vias de fluxo” (UNGIER, 2005, p. 235-237). Provavelmente a metáfora “fluxo” não deve ter sido utilizada em vão, pois representa bem o caráter volátil e fluido dessa reviravolta. O termo “vias” idem, parece marcar novos caminhos engendrados *entre* ou *pelos* fronteiras que me intrigaram. Mas

para que esse jogo possa ser possível e compreensível, é preciso conceber o *Witz* como processo social, uma dentre as muitas e fundamentais contribuições que Sigmund Freud (2017 [1905]) legou ao tema - das quais a maioria não tenho capacidade ou porque abordar nesse momento. Sua análise nesse sentido se deu através do estudo da estrutura da piada e das partes nela envolvidas: quem faz a piada (que conta o *Witz*), de quem se fala (isto é, o Outro na qual se descobre o elemento cômico, que como vimos no caso de Chandler, pode ser o mesmo que faz a piada), ambos “suficientes para o processo cômico”, e, ademais, uma terceira parte que “pode aparecer, mas não é requerida”, para o qual é “transferida” a “decisão sobre se o trabalho chistoso cumpriu a sua tarefa, como se o eu não estivesse seguro do seu juízo a respeito”, ou mesmo “para testar se atingiu seu propósito” (FREUD, 2017 [1905], p. 205). No caso de filmes, séries, periódicos e apresentações humorísticas essa terceira parte é representada pelo público ou audiência “aos quais se dirige o humorista” e “sem os quais a graça não pode circular” (KUPERMANN, 2008, p. 195). O papel da terceira parte e seu caráter instável e dinâmico, nesse ínterim, parece pertinente:

O riso da audiência, do outro, está embutido no próprio conceito de *chiste*. Trata-se de uma operação que não prescinde de seus efeitos para se constituir como laço social ou seu oposto. “Vamos supor que alguém está conversando comigo e diz algo ‘que não queria dizer’. Se rio disso e, esse alguém ri junto, fez-se um *chiste*; se ele ficar envergonhado, como se pego em flagrante, só terá havido um lapso. Ora, a distinção é momentânea [...] (NATÉRCIA, 2005, p. 8).

A pista compreensiva inscrita nessa citação fica nítida para as/os antropólogas/os: é preciso atentar a essas nuances e reviravoltas em situações empíricas, no cotidiano de nossas pesquisas. Além disso, duas tendências explicativas dada pela psicanálise a respeito da “tarefa” e do “propósito” do *Witz* e dessa dinâmica fugaz entre essas partes nos permite alcançar outra importante pista. De um lado, uma função “bastante conservadora” do elemento humorístico: um “narcisismo das pequenas diferenças” que faz o ridículo recair sobre marcadores da diferença (KUPERMANN, 2008, p. 195-196). Essa operação partiria do pressuposto de que seria no ódio à segunda parte da equação onde residiria o fato de comunhão entre a primeira e a terceira. O riso brotaria de alguém que é representado e estigmatizado como feio, inadequado, que faz ou diz asneiras, tropeça, gagueja, que reafirma ou escapa dos padrões estéticos ou comportamentais estereotipados de gênero, classe e raça, que é de outro país ou região, e por aí vai. Decerto o *Witz* de Chandler não pode ser explicado apenas por essa ótica, já que caracterizaria o que se toma por humor autorreferente, onde a primeira e a segunda parte se fundem, mas ainda assim ele é voltado à sua audiência que pode ou não validar o mesmo. De outro lado, uma “leitura alternativa” que é tida não apenas como “bem mais complexa e valiosa”, mas também como exemplo de uma “autêntica política

do Witz” de acordo com Kupermann (2008, p. 197-198): a dimensão transgressora expressa na máxima de Sigmund Freud de que “o humor não é resignado, mas rebelde”. Nessa, a potência criativa do humor é canalizada para análises críticas, denúncias de hipocrisias ou desigualdades que, mesmo de forma breve e momentânea, viabilizam certa “libertação” das “imposições sociais” vigentes (KUPERMANN, 2008, p. 196).

Na esteira dessas explicações, Flávia Natércia (2005, p. 8) sugere ser justamente em virtude dessa vocação ambivalente que, de forma geral, as piadas “incidem sobre campos socialmente controversos”, onde não raramente “o texto parece querer dizer uma coisa e diz outra”. E aí reside uma pista fundamental para estudar o humor: é preciso seguir as controvérsias! São as disputas em torno delas que, cada qual a sua forma, nos levarão a tensões e dilemas morais, políticos e éticos particulares. De acordo com Kupermann (2008, p. 197-198), no âmbito da metapsicologia do humor, o processo criativo que o leva adiante tem sido considerado a partir de três dimensões: (i) ética, ou seja, a intenção ou postura afirmativa do sujeito diante de seu contexto, (ii) estética, isto é, o “jeito de dizer ou de bendizer a vida, capaz de produzir o efeito da graça”, e (iii) política, reflexo do “posicionamento do sujeito frente aos ideais e às idealizações compartilhadas na vida cultural”. As relações e tensões entre esses elementos são complexas e circunstanciais, mas incontornáveis para os interessados no estudo do tema.

No âmbito da antropologia, por sua vez, os conceitos e contornos do debate seguiram outros caminhos. Dos/as interessados/as no tema, destaco inicialmente a figura de A. A. Radcliffe-Brown, e isso não apenas por sua interessante consideração sobre o que chamou de “relações jocosas”, mas também pelas fissuras abertas no legado intelectual desse autor pelo movimento crítico a sua perspectiva teórica e metodológica, algo que acredito ser capaz de nos conduzir a novas pistas. Mas em que consistiriam as “relações jocosas” (RADCLIFFE-BROWN, 1940, p. 195, *tradução livre*)? Dando ênfase no papel que cumpririam como elemento estrutural no sistema de parentesco de sociedades tribais, esse conceito se refere a um tipo de relação entre duas pessoas na qual uma delas teria a “permissão” e em alguns casos a necessidade de “provocar ou fazer graça de outra que, por sua vez, não pode se ofender”. Introduzindo termos sobre como relações de poder atravessam as relações jocosas, o autor qualifica esse tipo de laço em duas variedades, simétrica e assimétrica. Na primeira as duas pessoas teriam legitimidade ou mesmo a necessidade de fazer provocações ou gozações uma da outra, e na segunda, não poderia haver retaliação, ou se fosse viável, deveria ser moderada. Para Radcliffe-Brown, esse tipo de relação viabilizaria modos específicos de sociabilidade e a manutenção da estrutura social até então vigente. Exemplos mais atualizados desse tipo de laço social a luz de temas particulares (sem necessariamente levar a cabo todas as ideias de Radcliffe-Brown) passam pelo estudo das relações jocosas em torno do futebol

(GASTALDO, 2010) e de suas relações ambíguas com marcadores sociais da diferença de gênero ligados à sujeitos LGBT (MUGABE, 2015).

No entanto, apesar de interessantes e produtivas, as percepções de Radcliffe-Brown sobre as “relações jocosas” precisam ser consideradas com certa cautela. As ressalvas a serem feitas para o conceito precisam vir no mesmo pacote de críticas endereçado a sua abordagem estrutural-funcionalista de forma geral. Aqui o destaque vai para a ênfase dada pelo autor às estruturas e à sincronia em detrimento de análises mais situacionais e dinâmicas, efeito colateral de seu enquadramento analiticamente reducionista da história. No final do artigo citado e dedicado especificamente ao assunto, por exemplo, Radcliffe-Brown (1940, p. 210, tradução livre) afirma que a resposta para os motivos de porque as sociedades teriam ou não certa estrutura poderia ser rastreada “em sua história”, no entanto, criticando o registro “das sociedades nativas da África” disponível, afirma que deixou a história de lado e se arriscou apenas a fazer “conjecturas”. Talvez a estratégia de tangenciar a contextualização histórica da pesquisa e de seu objeto de estudo para, a partir de uma “visão de Deus” (HARAWAY, 1995 [1988], p. 21), estabelecer leis explicativas gerais, esteja por trás dessa opção e represente um de seus deslizamentos fundamentais. Acontece que, no que se refere ao tema que estamos lidando nesse artigo, a história e as muitas noções que a acompanham (tempo, processo, mudança, transformação, etc.), não podem ser ignoradas. Diria inclusive que são imprescindíveis.

As afirmações humorísticas não são declarações conscientes de sujeitos autônomos fora do alcance do seu tempo ou mesmo apenas úteis para manter certo tipo de estrutura social, mas sim produtos e produtores de um campo de possibilidades dinâmico e contingente que, por diferentes vias e modos, limita ou possibilita o que pode ser dito sobre determinado assunto. Seja uma postura “transgressora” ou pautada no “narcisismo das pequenas diferenças” que atua de forma a produzir exclusões, seja como objeto de estudo ou aspecto inerente à produção de conhecimento, o poder está no centro do debate, e essa é outra pista fundamental. Casos exemplares que tratam de temas como gênero e sexualidade são úteis para demonstrar a pertinência analítica de examinar a passagem do tempo, as condições de possibilidades para emergência de certos enunciados e as relações de poder para o estudo do humor.

Destaco inicialmente o humor crítico de uma charge publicada na *Revista Feminina*, periódico redigido por e voltado para mulheres (cujo acesso à educação e à condição econômica lhes permitiam o privilégio da leitura desse e outros periódicos, é claro) entre os anos de 1914 e 1936. Seu objetivo era buscar sua emancipação no interior da cultura católica tradicional (BONILHA, 2013). Se valendo de recursos gráficos inovadores para a época (fotografias, desenhos, etc.), as edições da *Revista Feminina* eram compostas por anúncios comerciais (de alimentos, oficinas de costura, roupas,



produtos de higiene e remédios, móveis e artigos de decoração), contos, poesias, rezas e narrativas cristãs, seções e colunas opinativas sobre assuntos como moda, trabalhos artesanais e decoração, hábitos alimentares e sugestões de receitas, cuidado e saúde infantil. Em alguns raros e instigantes momentos, o periódico abordava pautas como o direito de mulheres ao voto, exaltava suas capacidades intelectuais e a necessidade de acesso à literatura e arte. Uma charge (**Figura 2**) de cunho “transgressor” nos permite alguns aprendizados. Num tom político afiado, a ilustração “O lar de uma sufragette”, publicada na edição 42 da *Revista Feminina* (1917c), propõe uma narrativa do dia a dia de um casal que inverte e subverte boa parte das imagens e expectativas para os costumes, preocupações e atividades profissionais prescritas à época para homens e mulheres. Nela, o homem usa roupas de renda, um sapato com salto e fitas no cabelo, enquanto a mulher veste um fraque. Quando desfrutam a refeição do café da manhã, é “ele a servir enquanto ela lê o artigo político. Ela vai em seguida para o escritório. Ele dá-lhe um beijo de despedida. E, ficando só em casa, vai lavar a roupa da família, enquanto sua mulher, médica, advogada, engenheira, etc., estará no escritório” (REVISTA FEMININA, 1917c, p. 24).



**Figura 2** - “O lar de uma sufragette”, Edição 42 da Revista Feminina (1917c)

Essa charge colocou em circulação uma afirmativa irônica e crítica que, ao se valer tanto do uso de desenhos como texto, condensa o “poder de afetação visual do traço disforme da caricatura” com o “impacto tragicômico” da narrativa (KUPERMANN, 2008, p. 201-202). Entretanto, essa pegada crítica não deve empolgar o leitor. A bem da verdade, o tom mais recorrente em suas publicações é repleto de estereótipos, acenos moralizantes e conservadores. Algumas passagens da mesma edição, por exemplo, sugerem que “o homem tem mais força muscular e a fibra mais dura; a mulher é

mais delicada, mais sensível, mais nervosa”, ao que se somava um posicionamento conservador que buscava perpetuar a ordem e as diferenciações à época vigentes: como ambos já estariam “igualmente adaptados às respectivas funções que têm a cumprir na vida”, tentar “impor ao homem o trabalho da mulher seria tão absurdo como querer impor à mulher o trabalho do homem” (REVISTA FEMININA, 1917e, p. 29).

Isso nos revela outra pista. Semelhante ao caso da capa do *Jornal do Brasil*, a combinação apresentada na **Figura 2**, de leitura breve, sarcástica e ácida, se destaca por destoar dos tópicos mais recorrentemente tratados na revista. Ou seja, sua possível graça e potência crítica ganhou relevo justamente pelo fato de operar uma reviravolta nas expectativas dos discursos de gênero e das desigualdades sociais e políticas à época hegemônicas na revista e na sociedade. Como as análises até então indicam, portanto, sua potência parece ser herdeira de uma mudança de rumos, de uma boa dose de surpresa! É quando se desprende do comum e abre novas condições de possibilidade que essa narrativa se reveste de força. Após isso, o caráter cômico e transgressor rapidamente se oculta ao folhar as páginas da revista. Se a pauta crítica e progressista fosse sua tendência recorrente, esse caso em particular e os significados que mobiliza talvez não tivessem o mesmo efeito. Arrisco a dizer que talvez nos dias de hoje charges como essa não causem semelhante estranhamento ou riso/angústia, mesmo que revelem uma luta ainda em curso. Mas então o que dizer do peso da passagem dos anos, do intervalo de décadas, sobre o humor?

Piadas comuns nas noites de comédia da Rede Globo de Televisões no final do século XX, por exemplo, incluíam um sonoro “cala a boca, Magda!” proferido pelo personagem Caco Antíbes (Miguel Falabella) à personagem de Marisa Orth na série de comédia *Sai de baixo!* (1996-2002). Se na época isso era bem aceito pelo público, vide seu sucesso, em filme recente com nome homônimo (2019) isso se adequou aos discursos de empoderamento da mulher ao se manifestar na forma de rejeição de Magda à fala repressiva de Caco. Essa rejeição se deu através de outra piada que, não por acaso, reforçava a característica da personagem Magda como pouco inteligente (corroborando com o estereotipo de *bonita, mas burra* que lhe era resignado na série ao longo de suas oito temporadas): quando interpelada a ficar quieta, pede respeito a Caco e se afirma “empoleirada”, se referindo ao fato de agora estar “empoderada”. Novamente aqui o deslocamento de sentidos é sutil, breve e traz à tona uma reviravolta. Esse deslocamento se dá por meio de um jogo de palavras possível apenas em virtude do deslize não intencional da personagem sobre o termo mais adequado para transmitir sua posição (que recai sobre “poleiro”, vara onde as aves pousam no interior das gaiolas, e não na ideia geral de *se fazer adquirir poder*), agora alinhada à reivindicação de movimentos feministas e de uma reorientação mais geral da mídia e da opinião pública em busca da igualdade de gênero.

Mas isso nos faz levantar outras dúvidas: como compreender o que pode/deve ou não ser dito em certa época e situação? Que condições de possibilidade tornariam algo aceitável ou moralmente repreensível? Seguindo a pista de olhar para as controvérsias, a já citada série *Friends* parece ser um exemplo produtivo. Se valendo de seu prestígio e de sua alta audiência na televisão norte-americana e no mundo, a série se aventurou a discutir temas polêmicos como lesbianismo e casamento homoafetivo (entre Susan e Carol, ex-esposa do personagem Ross interpretado por David Schwimmer, sendo o primeiro casamento do gênero exibido ao vivo na TV americana), infertilidade e adoção (a partir da narrativa de Mônica, personagem de Courteney Cox, e Chandler), inseminação artificial, parentesco e gestação substitutiva (quando Phoebe gesta os trigêmeos de seu irmão e sua parceira), transexualidade (pai de Chandler), entre outros. No entanto, não são raras piadas da série que hoje são interpretadas e denunciadas por olhares críticos como sexistas e homofóbicas. Uma reportagem publicada pelo jornal EL País (2019) a respeito é interessante. Após afirmar que se trata de um programa “filho de seu tempo, com tudo que isso representa”, o ponto alto da reportagem é a menção à produção de um vídeo de quase uma hora de duração intitulado *Homophobic Friends*, atribuído pela reportagem à cineasta e professora de Comunicação na *John Cabot University* (em Roma, Itália) Tijana Mamula, que no ano de 2011 teria compilado “muitas das piadas e situações homofóbicas da série”.

Tão logo anunciado, o assunto já é associado à posição mais branda da jornalista e escritora Kelsey Miller sobre a necessidade de uma consideração historicamente situada. Segundo ela, e isso parece relevante, essas piadas surgem “como uma incômoda recordação de um tempo, nem tão distante, no qual as piadas sobre gays eram muito mais aceitas na tela do que os próprios gays” (EL PAÍS, 2019). Será que as piadas chegariam antes da aceitação de alguns temas? No caso da *Revista Feminina* e da charge usada como exemplo, sim. Mas será que nesse nesses casos chegar antes não significa abrir fissuras entre a narrativa hegemônica e novas possibilidades? Ou seja, novas vias *por* ou *entre* fronteiras? Ou apenas eram mais aceitas pelo fato de não haver consenso sobre os limites em jogo, sobre o que seria ou não ofensa? Mesmo sem resposta para todas essas questões, concordo que o humor seja tributário de seu tempo e público. No caso da série *Friends*, a terceira parte (o público, pensando no processo social por trás do *Witz* de Sigmund Freud) passou a colocar em xeque a validade transgressora da série que, agora, já não apresenta a mesma potência para produzir surpresa. Aliás, se há surpresa, é no sentido de dar vazão a um desencaixe entre moralidades distintas que separam sua exibição ao vivo dos dias de hoje.

Outra reportagem do jornal El País é útil para seguir pensando o tema, e não apenas por abordar as implicações da passagem do tempo em termos de conteúdo e sua aceitação, mas por, na esteira desse “desencaixe” e do tipo de relação suscitada por

Radcliffe-Brown (1940), colocar em questão quem pode/deve ou não brincar. Com o título “Nove momentos de ‘Friends’ que nos fizeram rir e hoje nos escandalizam” (EL PAÍS, 2017), o jornal buscou ressaltar “algumas situações que nos fizeram rolar de rir quando vistas no seu contexto, mas hoje, à distância, desafinam demais”. Dos nove momentos que a reportagem destaca, menciono quatro, e isso por serem especialmente polêmicos: (i) o desconforto, as piadas (geralmente no sentido de duvidar da masculinidade e heterossexualidade) e a recusa do personagem Ross ante a possibilidade de um homem sensível e zeloso ser contratado como cuidador de sua filha com Rachel, personagem interpretada por Jennifer Aniston, ainda que fosse a melhor opção disponível; (ii) o fato do personagem Joey ter precisado manter relações sexuais com uma produtora de novelas para conseguir um papel como protagonista; (iii) casos - “muito próximo(s) do que hoje chamaríamos de assédio sexual” de acordo com a reportagem (EL PAÍS, 2017) - vividos por duas das principais personagens da série, Phoebe e Rachel, que em diferentes momentos tocam, apalpam e deixam claro seus desejos sexuais por clientes e colegas de trabalho; e, (iv) a opção de Rachel em contratar um assistente belo e solteiro, mas sem experiência profissional, em vez de uma mulher com currículo e capacidade invejável para a função.

Se o público que assistia à gravação da série ao vivo ria sem pudores dessas cenas, precisamos concordar que não se tratam de assuntos simples. No caso dos exemplos ii, iii e iv, estariam os escritores da série engrossando o espaço de críticas sobre assédio (já que abordam o tema e possibilitam sua discussão pública) ou apenas *rindo de* e naturalizando problemas hoje criticados de forma intensa (com toda razão e legitimidade) na cena audiovisual por movimentos feministas como o #MeToo? Nos três casos é curioso (e instigante) que tenha sido operada uma “inversão” da dinâmica mais recorrente na maioria das denúncias públicas em termos de violência e assédio sexual. Talvez encaixar uma mulher na narrativa de Joey fizesse aflorar mais o aspecto agressivo e angustiante do que pretensamente cômico desejado, valendo o mesmo para os assédios levados adiante por Phoebe e Rachel. Será que sua “inversão” não geraria alterações em termos de quem e o que poderia ou não ser objeto ou sujeito do humor? Dessas quatro tentativas cômicas talvez a primeira cause menos estranhamento ao leitor por, em tese, permanecer alinhada às representações hegemônicas ainda vigentes. As ligações da mulher com o cuidado, o bem-estar e a saúde de crianças, bem como do homem pouco interessado ou hábil com crianças, ainda se impõem como as associações estereotipadas mais recorrentes e socialmente aceitas – aliás, já não estaria na hora de colocarmos isso em xeque também?

Mas que público se pressupunha estar apto a lidar com o conteúdo e o tipo de humor levado adiante pela série *Friends*? Segundo classificação indicativa do serviço de *streaming Netflix*, sua audiência precisaria ter, no mínimo, 12 anos, e isso na medida em

que a série abordaria temas como “consumo de drogas, insinuação sexual, linguagem imprópria, conteúdo sexual, agressão verbal, linguagem obscena”. Mesmo que não haja espaço aqui para abordar essa questão em profundidade, ela pode se revelar interessante, especialmente quando é tensionada através de inserções (em tese) inadequadas para o público inicialmente previsto ou considerado ideal. Para ilustrar isso lembro piadas de sentido ambíguo e com inegáveis conotações sexuais que são articuladas em filmes e desenhos voltados a públicos infantis e adolescentes, como, por exemplo, *Bob Esponja* (**Figura 3**). Não há conteúdo e insinuação sexual ou obscena na imagem apresentada? Não se trata de fazer uma denúncia *anti-bob esponja* ou uma exaltação da moral e dos bons costumes. A ideia não é recair num reducionismo moralizador, em fórmulas do que não fazer ou falar, o que considerar e o que não considerar cultura ou humor. Pelo contrário, atentar para esse tipo de questão é mirar o espaço ambivalente e sutil do humor e os limites ou fronteiras que suscita ou burla no cotidiano.



**Figura 3** – Cena “Bob Esponja” (ROCK’NETECH, 2013).

Mas o que fazer quando isso não se dá apenas no plano dos valores, mas toca em problemas sociais e geopolíticos controversos que, a despeito de qualquer juízo ou *insight* humorístico que possa ser produzido, estão ocorrendo e em muitos casos dão forma a modos de exclusão, violência e subalternização? Nesses casos, como a fronteira entre humor e ofensa/insulto moral é performada? Antes de partir para a próxima seção e tratar desse tipo de questão, aproveito para fazer um breve balanço e retomar as pistas até agora encontradas. A análise do humor, de sua estética e conteúdo não pode ser empreendida fora dos processos sociais e históricos nos quais estão inseridos e ajudam a compor. Suas nuances e ocorrências precisam ser rastreadas e analisadas considerando seu caráter sutil, provisório e surpreendente. Para tal, uma opção metodológica profícua parece ser seguir as controvérsias, o jogo de palavras ou ideias pelo qual ganha corpo, suas condições de possibilidade e as disputas que engendram. Na próxima seção exploro a potencialidade analítica dessas pistas e teço provocações sobre o que isso pode nos dizer sobre o fazer antropológico.

### 3 . FRONTEIRAS: HUMOR (?), CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE

Now what is the difference between an insult and a joke? When does a joke get beyond a joke? Is the perception of a joke culturally determined so that the anthropologist must take it on trust when a joke has been made? Is no general culture-free analysis of joking possible? When people throw excrement at one another whenever they meet, either verbally or actually, can this be interpreted as a case of wit, or merely written down as a case of throwing excrement? This is the central problem of all interpretation. (DOUGLAS, 1968, p. 362)

As to the permitting of a joke, there are jokes which can be perceived clearly enough by all present but which are rejected at once. Here again the social dimension is at work. Social requirements may judge a joke to be in bad taste, risky, too near the bone, improper, or irrelevant. Such controls are exerted either on behalf of hierarchy as such, or on behalf of values which are judged too precious and too precarious to be exposed to challenge. (DOUGLAS, 1968, p. 366)

Essas passagens de Mary Douglas dão o tom da problemática discutida na presente seção: que fronteiras separam uma forma de humor de uma ofensa ou “insulto moral”? Que assuntos podem (ou devem) ser “expostos ao desafio”? Existiriam limites para o humor? O tratamento dessas questões segue as pistas da seção passada. Em primeiro lugar, tem nas controvérsias seu ponto de partida. Em segundo, toca em tópicos que, quando expostos ao desafio, falam de sua época e do que está em disputa, ora expressas num narcisismo das pequenas diferenças, ora em formas de transgressão e crítica social. Os tópicos e materiais mobilizados para levar a análise adiante se dividem em dois momentos interligados. Primeiro apresento de forma breve casos polêmicos envolvendo comediantes, músicos e parlamentares que têm suscitado dúvidas sobre as fronteiras entre graça e insulto moral no Brasil. Em seguida, analiso charges que, de forma ambivalente, expõem ao desafio assuntos delicados como o drama dos refugiados, a morte e o desejo por uma vida melhor.

Comediantes como Rafinha Bastos e Danilo Gentili são reconhecidos não apenas pelo conteúdo de seu trabalho *stand up*, gênero de comédia já consolidado nos Estados Unidos da América e em franca popularização no Brasil nas últimas décadas, mas por um humor (?) polêmico que, de tempo em tempo, tem conduzido ambos a brigas judiciais e à consequente perda de prestígio. Dentre os muitos exemplos possíveis, destaco três situações e piadas (?) polêmicas.

Quanto a Rafinha, o destaque vai para dois casos: (i) respondendo a comentários sobre a gravidez e a beleza da cantora Wanessa Camargo feitos pelo âncora Marcelo Tas, do Programa CQC exibido na Rede Bandeirantes de Televisão em setembro de 2011, Rafinha Bastos afirmou que “comeria ela e o bebê”, expondo ao desafio temas como maternidade, sexualidade e pedofilia; e, (ii) piadas que fez sobre temas como saúde mental

e deficiência em seu DVD “A arte do insulto”, quando teceu analogias entre a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e preservativos com efeito retardante (jogando com o sentido da palavra “retardar” como algo que “atrasa” a ejaculação e seu uso popular, mas não convencionado como ideal, como qualificação para representar um “atraso” mental) e uma piada que questionava a necessidade de cadeirantes se valerem de filas preferenciais. Ambas levaram o autor à posição de réu em processos por indenização moral. Se no primeiro caso Rafinha foi condenado a indenizar Wanessa Camargo (algo em torno de R\$ 150 mil), a segunda disputa judicial resultou em uma vitória do comediante. O que informou juízos diversos em piadas semelhantemente polêmicas foi, de um lado, a ofensa direta à pessoa de Wanessa, e de outro, uma narrativa onde diferenças mentais e físicas são abordadas de forma geral e abstrata. No caso da ação civil pública movida pela APAE-SP contra Rafinha (TJ/SP, 2014), é interessante notar como, visando justificar seu veredito, o juiz responsável pelo caso, Tom Alexandre Brandão, acaba ilustrando a ambivalência característica do humor ao construir uma retórica que alternava entre afirmações que corroboravam seu caráter como manifestação cultural saudável e até mesmo necessária - “atributo da inteligência humana” (TJ/SP, 2014, p. 9), devendo ser respeitada mesmo que “tabus sociais” sejam seu objeto (TJ/SP, 2014, p. 7) - e como veículo de uma “perigosa violência simbólica” que pode agir com vistas a “perpetuar diferenças e preconceitos sob o manto disfarçado do cômico” (TJ/SP, 2014, p. 10).

As polêmicas em torno da figura de Danilo Gentili vão num sentido semelhante. A mais discutida na mídia brasileira trata das (iii) ofensas e da disputa judicial travada contra a Deputada Federal pelo estado do Rio Grande do Sul, Maria do Rosário (Partido dos Trabalhadores, PT). O mote central da disputa ganhou força em 2016, quando Gentili gravou um vídeo onde aparece abrindo e rasgando uma notificação remetida pela Câmara dos Deputados a pedido da parlamentar. A tentativa de comédia - e se isso é ou não comédia é justamente a dúvida central que suscita Douglas (1968) na citação que abre essa seção - ensaiada por Danilo se dá através de uma imitação da prática de *unboxing*, tipo de vídeo de marketing realizado por *youtubers* ou *influencers digitais* com vistas a narrar o recebimento, a abertura do pacote e o primeiro uso de produtos comercializados. No documento em questão, a deputada Maria do Rosário solicitava que o humorista removesse postagens feitas contra ela em sua conta na rede social Twitter que foram consideradas ofensivas.

No vídeo gravado e divulgado por Danilo, após ler o documento e grifar o termo “puta” da palavra deputada (jogo de linguagem que a exploração dos sentidos permite, como vimos nas pistas deixadas pela psicanálise) quando se refere a Maria do Rosário, rasga o mesmo e coloca seus pedaços dentro das calças que está vestindo. Músicas de tensão, sons de choro (como se representassem a deputada) e cortes entre as cenas são

usados como recursos para tentar dar um tom humorístico ao ato. Frases como “Vossa excelência” e “com todo respeito” são usadas de forma sarcástica e esvaziadas de seu sentido literal. Depois de esfregar os pedaços dentro de suas calças, eles são reinseridos em uma embalagem que, em tese e ao menos como sugere uma gravação da ida de Danilo aos correios, fora enviada novamente à deputada. Após algumas intimidações à Maria do Rosário, Danilo sugere no fim do vídeo que a deputada abra o mesmo, tire seu conteúdo, sinta “o cheirinho” de seu “saco” e “abra a bunda e enfie bem no meio dela tudo isso aí que estou mandando”. A deputada e veículos de imprensa rechaçaram o vídeo e o denunciaram como sexista e autoritário (GAÚCHA/ZH, 2019a). Diante desse caso, Maria Isabel do Prado, a juíza responsável, não reconheceu as alegações da defesa de Danilo de que não haveria dolo em ofender a honra e a dignidade por se tratar de uma performance humorística. Maria Isabel destacou seu teor “altamente ofensivo e reprovável” que “jamais” poderia “ser confundido como uma simples peça humorística espontaneamente criada independente do intuito de injuriar” (GAÚCHA/ZH, 2019b), assim o condenando por danos morais.

Entre artistas e humoristas há desconfiança sobre a classificação desse tipo de atitude. Em entrevista, o cartunista Arnaldo Branco questiona “qual dessas últimas polêmicas se deu em torno de uma piada realmente aproveitável?”, depois afirmando que “o politicamente correto está virando uma ótima desculpa para humorista ruim” (VEJA, 2011) justificar ofensas arbitrárias. De forma resumida, a ideia de “politicamente correto” tem sido associada (de forma um tanto insensível, vale dizer) a convenções socialmente aceitas ou adequadas que, em tese, mascarariam “verdades” (ditas “duras”, mas não raramente ancoradas num “narcisismo das pequenas diferenças”) que “precisariam” ser ditas. Decerto os limites do que se considera ou não politicamente correto depende dos contextos e moralidades nos quais estão imbricados, no entanto, o mais interessante da entrevista de Arnaldo é quando, na condição de contraponto, cita e valoriza a potência de uma piada feita pela comediantes norte-americana Sarah Silverman sobre “crianças etíopes subnutridas (mas com barrigões de vermes)” como “crianças de um ano grávidas de nove meses”.

Na esteira do que vimos na seção passada, Arnaldo sugere que essa comediantes se passa por “idiota para criar um jogo de palavras e uma associação de ideias inteligente” que, surpreendente e afiada, faz o público rir “no limite do prazer culpado” (VEJA, 2011). Diferente do jogo pouco inteligente e dificilmente não qualificável como ofensa de Danilo, esse prazer culpado parece ir no mesmo sentido da ambiguidade (riso/angústia) diagnosticada pelo olhar psicanalítico. A partir de uma ignorância encenada (semelhante a Magda em *Sai de baixo!*) associada a representações (altamente estereotipadas e comuns no imaginário popular) de crianças pobres e desnutridas numa África genérica e um jogo de ideias breve, a piada citada por Arnaldo expõe ao desafio



temas polêmicos como pobreza, desnutrição infantil e subdesenvolvimento. Esse tema e sua relevância, por sua vez, abre uma brecha para agregar à discussão dois materiais de ordem distintas, mas, como veremos, de algum modo parecidos: ilustrações e capas do periódico francês Charlie Hebdo, publicamente reconhecido por seu humor satírico, e o texto “*Of Mimicry and Membership: Africans and the ‘New World Society’*” de James Ferguson (2002).

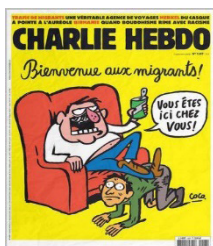


Figura 4 - Charlie Hebdo (CODESPOTTI, 2015)

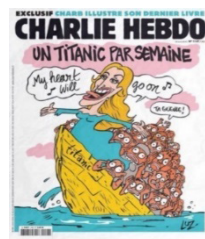


Figura 5 - Charlie Hebdo (CONDESPOTTI, 2015)

No ano de 2015 o periódico Charlie Hebdo recebeu especial atenção da mídia brasileira, e não apenas em virtude do à época recente atentado violento a sua sede, mas pela forma como conduziu seu trabalho através de um tipo de humor ácido que flerta com as fronteiras mais tênues entre sátira e insulto moral. Os temas aqui expostos ao desafio são movimentos migratórios, o drama dos refugiados, as posições contraditórias em jogo e a forma de equacionar ou lidar com o assunto. De toques de racismo, xenofobia, posturas conservadoras, violentas a denúncias e críticas sociais e políticas mais democráticas e inclusivas, tudo se confunde e ajuda a compor o quadro geral de um jogo de ideias arriscado e escorregadio. Com charge assinada por Coco, pseudônimo de Corinne Rey, em setembro de 2015 o periódico Charlie Hebdo lançou uma edição cuja capa (**Figura 4**) trazia o título “Bem-vindos, imigrantes”, uma ilustração (um sujeito sentado em uma poltrona com os pés sobre as costas do que representaria um imigrante) e o texto “Minha casa é a sua casa”. Semelhante a outras capas e mensagens críticas, como, por exemplo, a **Figura 5** e o título “Um Titanic por semana”, essas ilustrações soam como denúncias ao descaso com que são tratados os imigrantes em solo europeu e as crises humanitárias e migratórias em curso. Ou seja, poderíamos interpretar essas e outras capas como contestações satíricas à política de imigração da União Europeia e ao crescimento de partidos e grupos políticos de extrema direita, correto? A complexidade e a urgência do tema nos dias de hoje falam por si só, mas, neste caso em especial, a polêmica em torno do periódico Charlie Hebdo residiu principalmente em outras duas ilustrações que, em tese, teriam sido rejeitadas para estampar a capa do periódico, e isso justamente por expor ao desafio um tema ainda mais sensível (**Figura 6 e 7**).

As duas ilustrações foram atribuídas a Riss, pseudônimo de Laurent Sourisseau. Na **Figura 6**, a charge está organizada na articulação do título, “Tão perto de seu objetivo...”, de um outdoor associado ao restaurante McDonald’s com o anúncio de “dois combos infantis pelo preço de um” e de uma representação da dura cena que tornou assunto público o falecimento do menino sírio Aylan Kurdi, de apenas três anos, encontrado morto em uma praia da Turquia quando tentava chegar à Grécia na companhia de seus familiares. Em resposta à situação de Aylan e à filial francesa do restaurante McDonald’s em Hyères - que, insatisfeita com um funcionário que havia compartilhado sua refeição de almoço com um morador de rua, fez circular entre seus funcionários uma nota interna que desautorizava essa prática e sugeria que a rede McDonald’s não teria “vocação de alimentar todos os famintos da região” (GLOBO, 2015a) -, essa charge parece direcionar sua crítica à violência explícita na resposta das nações europeias frente as crises humanitárias e migratórias em curso e da perversidade capitalista que ignora a pobreza e a violência. A **Figura 7**, por sua vez, segue a via delicada de mostrar uma criança afogada e se estende ao campo da religião. Com o título “A prova de que a Europa é Cristã” e uma ilustração que, de um lado, mostra um sujeito forjado à imagem e semelhança de cristo andando sobre as águas de forma sorridente e tranquila, e de outro, o afogamento de um menino e a mensagem “As crianças muçulmanas afundam”, a premissa subjacente parece semelhante.



Figura 6 - Ilustração em tese rejeitada (O ESTADO DE S. PAULO, 2015)



Figura 7 - Ilustração em tese rejeitada (CONDES-POTTI, 2015)

Mesmo que por diferentes vias e temas, em ambas imagens o elemento do qual se tenta retirar o substrato humorístico, satírico ou crítico, são crianças em face da morte, algo notadamente moralizado ou sensível de exposição. A recepção delas pelo público, aliás, foi diversa. Segundo artigo de Rhodrigo Deda no jornal Gazeta do Povo (2015), as opiniões das/os leitoras/es iam desde uma defesa da liberdade de expressão e sua valorização como “crítica à Europa cristã, cuja realidade seria um flutuar nas águas” ao mesmo tempo que desconsidera os “problemas que afligem os sírios”, “desdenhando da situação dos refugiados, cuja situação trágica teve seu retrato emblemático na foto do menino que se afogou”, até a percepção de que nessas imagens há um “desrespeito

profundo a uma criança vítima das circunstâncias de guerra e da dificuldade da União Europeia em lidar com imigrantes islâmicos”, perspectiva que parte do imperativo moral que, ainda que a crítica seja justa e as causas nobres, usar uma imagem como essa seria “inaceitável”. Tenho dúvidas sobre qualquer tipo de interdição, ou seja, estabelecer *a priori* o que seria ou não aceitável: será que não abordar ou pormenorizar o ocorrido não poderia representar algum tipo de omissão? Para Flávia Natércia (2005, p. 8), “quando se trata de eventos trágicos, não se ri por diversão”, mas pelo fato de exprimir o “esforço humano em não se render e superar catástrofes pessoais ou coletivas. Mas tem limites”. A dúvida seria justamente como entender esses limites, se é que existem... Creio que qualquer esforço dedicado a uma “teoria geral dos limites” tenderia a fracassar. Se as sociedades, as pessoas e as moralidades mudam, talvez a pista aqui seja não buscar definir os limites, mas seguir os efeitos ou repercussões do humor, ou seja, as respostas e ações que provocam.

Não bastasse o caráter controverso dessas charges, outras duas imagens (**Figura 8 e 9**) nos levam adiante. A **Figura 8** traz uma charge assinada por Riss e divulgada pelo jornal britânico “Guardian” (UOL, 2016). Sua estrutura se organiza no título “Migrantes”, na representação da morte de Aylan, na pergunta “no que teria se transformado o pequeno Aylan se tivesse crescido?”, numa resposta visual de homens com feições e estrutura corporal animais tomados como imigrantes correndo atrás de mulheres desesperadas, e em uma resposta escrita que afirma: “Apalpador de bundas na Alemanha”. A imagem é uma (tentativa de) sátira baseada nas denúncias de assédio sexual registradas nas comemorações de Ano-Novo da cidade de Colônia, na Alemanha, na véspera de 2015 para 2016. Ela dá a entender que, caso não tivesse falecido em sua travessia por um novo lar, Aylan teria crescido e se tornado um dos homens envolvidos nessas ocorrências.



Figura 8 - Charge de Riss (GLOBO, 2016a)



Figura 9 – Charge de O. Hajjaj (GLOBO, 2016b)

De acordo com Ralf Jäger, à época ministro do Interior do Estado Regional da Renânia do Norte-Westfália, Alemanha, “aqueles que cometeram esses crimes eram quase exclusivamente de origem imigrante”, se referindo a “pessoas da África Norte e

do mundo árabe” (depois refinando a informação de que 14 dos 19 suspeitos seriam marroquinos e argelinos), incluindo “entre eles os suspeitos refugiados que chegaram até nós no ano passado” (GLOBO, 2016c). Mesmo que a reportagem em questão cite o destaque de Jäger de que a ação da polícia nos tumultos “foi inaceitável”, que haveria perigo em “estigmatizar” os estrangeiros a luz do caso e, especialmente, que na mesma cidade e dia seis paquistaneses e um sírio foram agredidos, tudo parece se diluir em seu título: “Suspeitos de violência no Ano Novo em Colônia eram estrangeiros: Quase todos os suspeitos não eram alemães, segundo autoridades locais. Mais de 500 queixas, 40% por agressão sexual, foram registradas” (GLOBO, 2016c). Como ocorrido na charge e na reportagem citadas, por que o destaque recai justamente nas denúncias voltadas aos “estrangeiros”? Não seria esse um exemplo do velho “Prendam os suspeitos de sempre!” eternizado no filme *Casablanca* (1942)? A quem e ao que serve esse tipo de associação pouco refletida entre imigrantes e violência sexual? Em vez de pitadas “transgressoras” ou críticas não estaria a charge de Riss (**Figura 8**) reforçando estereótipos e fantasias sobre o “Outro” não-europeu, assim abrindo margem para fomentar mais exclusões e retaliações? A partir dessas narrativas, por exemplo, a reportagem citada optou por cravar que “os eventos em Colônia provocaram dúvidas na opinião pública sobre a capacidade do país de integrar um milhão de requerentes de asilo da Síria, Iraque, Afeganistão e norte da África” (GLOBO, 2016c). Por um efeito associativo no mínimo duvidoso e simplório, denúncias isoladas se tornam o *proxy* de uma negativa geral e perversa a estrangeiros e refugiados.

A **Figura 9**, por sua vez, desenho do caricaturista jordaniano Osama Hajjaj e publicado via Twitter pela rainha da Jordânia, foi mobilizada em forma de resposta à charge de Riss. Ela especula que Aylan poderia ter se tornado médico (GLOBO, 2016b). A mesma representação da dura cena do menino Aylan foi apropriada de modos distintos, de forma a passar mensagens e expectativas opostas sobre migrações, que longe de apenas brincarem, engrossam posições e dão corpo e publicidade para o debate público sobre o tema. Essa e as outras ilustrações aqui reunidas sublinham o caráter fluido e ambivalente do humor, de críticos à resignados, de democráticos e defensores da liberdade de expressão à racistas e xenofóbicos. Decerto não há como interpretar o sentido ou a intenção “final” das charges citadas, mas então por que seus editores optam por oscilar entre essas fronteiras perigosas? Haveria prejuízos? Alguns. Além do ônus financeiro, Rafinha Bastos viu sua carreira *retardar* em virtude da piada envolvendo Wanessa Camargo. E ganhos? Alguns. Falando sobre sua história e o quanto esse tipo de temática influi no interesse pelo periódico Charlie Hebdo, Thiago P. B. de Moraes e Romer M. Santos (2016) sugerem ser justamente quando temas polêmicos (sobretudo religiosos) são expostos ao desafio que há um aumento das buscas pelo periódico, afirmando inclusive que “parece haver uma tendência simbiótica

entre eventos polêmicos e o interesse pelo Charlie Hebdo”, a partir daí denunciando a possibilidade do “enquadramento” dado pelo periódico ter como objetivo justamente “gerar polêmica e colher visibilidade”, algo que, segundo eles, “não nega o fato de provavelmente o jornal e os cartunistas terem um posicionamento ideológico específico”.

De fatos todos temos, mais ou menos explícito, e negar isso seria voltarmos à “visão de Deus” denunciada por Donna J. Haraway (1995 [1988]). No entanto, talvez o ponto mais interessante levantado no artigo de Moraes e Santos seja se o fato de ganhar popularidade e recursos financeiros com dramas e imagens como a do menino Aylan tornaria o periódico passível de repreensão moral. Será que esse e outros periódicos não estariam apenas na mesma pista que nós? Isto é, seguindo as controvérsias? De fato, o prestígio que o periódico ganha ao tratar temas polêmicos não é de todo diferente do que o antropólogo com suas dissertações, teses e artigos, ambos revelam a possibilidade de retornos a partir de certa posição e análise, qual seja. Mas se as controvérsias levantadas pelo periódico acabam recebendo duras críticas e suscitando tensões em torno dos limites aceitáveis ou passíveis de interdição, será que eles não se aplicariam ao antropólogo? Entramos num terreno perigoso. Não seria mais fácil dizer que os cartunistas do periódico Charlie Hebdo foram apenas mal compreendidos? Kupermann (2008, p. 198-199) poderia nos dizer que “a incompreensão que muitas vezes acompanha a recepção” de um “gesto espiritual” se “deve a uma perda da capacidade de apreender a potência criadora existente na ambivalência” que se “manifesta na incômoda proximidade da angústia com o riso”. Mas essa não me parece uma resposta satisfatória.

O artigo de James Ferguson (2002) nos mostra como um conjunto de problemas e um objeto de estudo semelhante, mas uma abordagem diferente, sem pretensões humorísticas por assim dizer, dificulta qualquer tentativa de resposta. Tal qual a ideia do *Witz* como processo social, a ideia do “Outro” foi fundamental para a construção do lugar da antropologia na divisão acadêmica do trabalho: no *Witz* a segunda parte, objeto do humor, e na antropologia, a alteridade, objeto de pesquisa inicialmente reconhecido na “projeção utópica” (Trouillot, 2011, p. 60) sobre aos não europeus que através de narrativas fantásticas, relatos de viagem, expedições religiosas e coloniais, etc., alimentavam a imaginação Ocidental sobre diferença e semelhança.

Da abordagem evolucionista às que se seguiram, distinções entre sociedades “primitivas” e “modernas” habitaram a mente dos antropólogos/as, servindo como suporte às teorias elaboradas e, não menos importante, para conformar e reificar as fronteiras entre ambos. Como Laura Nader (2011, p. 212) confia ao contar sua trajetória como estudante de pós-graduação em meados dos anos 1950, alguns pressupostos não declarados, mas disciplinarmente constituintes, lembravam seus colegas de profissão ser preciso trabalhar em sociedades não ocidentais, ignorar dinâmicas de poder que

tivessem envolvimento imperial e colonial, ignorar similaridades entre europeus e esses Outros retratados justamente nos limites da diferença e do isolamento. Decerto isso passou a ser questionado com o crescimento de “inquietações” e suspeições sobre o objeto, o suporte ideológico e a base organizacional da disciplina (ASAD, 2018, p. 315), no entanto, seus ecos permanecem ressoando no horizonte temático do campo. Crítico dessa herança disciplinar, Ferguson se pergunta: o que acontece quando esse tipo de fronteira entra em colapso? O que fazer quando o objeto de alteridade se recusa a ser mantido como Outro e abre mão de “própria autenticidade”? Para problematizar esse tipo de questão, Ferguson analisa duas cartas bem distintas em tom, uma “em forma de súplica” (2002, p. 551-552) e outra de denúncia e crítica (2002, p. 561-563), mas ambas parecidas em termos do que está sendo reivindicado.

A primeira carta foi encontrada em Bruxelas, Bélgica, junto ao corpo de dois jovens guineenses que faleceram em sua tentativa de ingressar na Europa, Yaguine Koita (14 anos) e Fode Touunkara (15 anos). Nela, os jovens se reportam aos “membros e oficiais da Europa” e, como “crianças e jovens da África”, clamam por ajuda. Após citarem problemas como guerra, pobreza, doença, desnutrição, os jovens pedem para que os “Europeus” organizem o continente africano e orientem seu progresso, para isso não economizando nos elogios e nos apelos à benevolência e à caridade (FERGUSON, 2002, p. 552, tradução livre). Ferguson (2002, p. 553) sugere que, levando em consideração a herança e as metamorfoses disciplinares em curso, o “nativo” que queria “tornar-se como eu” acabou se transformando em algo “embaraçoso”. Suas manifestações iam na contramão das autocríticas e das convicções anticolonialistas que ganhavam força na disciplina. Nesse sentido, esse embaraço seria um efeito da inadequação dos parceiros de pesquisa com “nossos” desejos de ver o emergir de uma postura crítica e emancipada. Quando a segunda carta vem à tona, definida como “Carta à América” e divulgada online por um jornalista zambiano anônimo em julho de 1999, outro tom entra em cena. Agora, mais crítica e indignada, a carta ataca o capitalismo, a práxis colonial, racista e pouco democrática que é constitutiva da história das grandes potências bélicas. A leitura dessa carta, “mais militante que suplicante”, ajuda a revigorar e satisfazer as convicções e os desejos anti-imperialista do antropólogo. Diferente de uma benevolência neocolonial e paternalista, ela parece ir ao encontro do processo de autocrítica disciplinar e, assim, traz mais conforto. Ela não apenas dilui um pouco a culpa em jogo, como também salvaguarda a “autenticidade” e o caráter exótico do Outro.

Ambas cartas, no entanto, cada qual a sua maneira, expressam reivindicações por direitos sociais e políticos e dão vazão ao desejo de partilhar um conjunto semelhante de condições de existência. No que se refere à primeira carta, em especial, isso passava por superar fronteiras e limites reais como os enfrentados por Aylan - não por acaso

partilhando do mesmo final trágico. Mas se podemos tirar conclusões epistemológicas e políticas importantes desses acontecimentos, como bem mostrou Ferguson (2002), por que seu uso fica em xeque quando é levado adiante por tentativas sarcásticas ou humorísticas como as do periódico *Charlie Hebdo*? A diferença estaria na pretendida objetividade e seriedade que informa o conhecimento científico? Será que o sentimento de angústia e reprovação que tive ao ver a **Figura 8** não se sustenta justamente pelo jogo de ideias articulado pelo periódico contrastar com minhas convicções libertárias e inclusivas? Será que nossa capacidade de julgar a fronteira do que é cômico ou apenas xenofobia não passa pelo impulso nem sempre refletido de considerar nosso juízo como critério de distinção? As percepções de Ferguson parecem ecoar aqui.

Diante disso e à luz da obra de Walter Benjamin (1986), não seria profícuo sugerir que as manifestações humorísticas, como documentos de “civilização”, são também documentos de “barbárie”? Pois, quais sejam as tentativas de humor ou análises empreendidas, é preciso lembrar que em casos como o de Aylan, Yaguine Koita e Fode Tounkara, a fronteira é real. Ela nega possibilidades de vida, de futuro, de existência. Ela gera morte, sangue, dor. E nisso não há graça, apenas uma recusa violenta e inaceitável que dá sentido pleno à barbárie. Nem por isso, no entanto, creio que seja produtivo advogarmos por interdições ou tabus que inviabilizem sua discussão através do humor (ou tentativas de). Nisso o uso semelhante feito por jornais, revistas humorísticas e Ferguson parecem convergir. É preciso colocar o assunto em discussão, mesmo que cause algum tipo de constrangimento ou desconforto. Ficamos no meio de crises, da civilização, da barbárie, de risos:

Diante da porta está a crise econômica e atrás dela, uma sombra: a próxima guerra. A tenacidade é hoje um privilégio de um pequeno grupo de poderosos que, Deus sabe, não são mais humanos que a grande maioria; geralmente, são mais bárbaros, mas não no bom sentido. Os demais têm que se virar, partindo do zero e do pouco. Eles são solidários dos homens que optaram pelo radicalmente novo, com lucidez e capacidade de renúncia. Em suas construções, seus quadros, suas narrativas, a humanidade se prepara para sobreviver, se for preciso, à cultura. E o mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso, aqui e ali, pareça coisa de bárbaro. Ótimo. Contanto que o indivíduo entregue um pouco de sua humanidade àquela multidão que um dia o recompensará, com juro e com os juro dos juro. (BENJAMIN, 1986 [1933], p. 198)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Satisfaça mais ou menos o público ou os/as pesquisadores/as, tenha graça ou não, o humor está aí, aberto ao escrutínio. Na introdução do presente escrito me propus a tratar casos exemplares que ilustrassem o trânsito do humor através das fronteiras da brincadeira, da crítica social e política e do insulto moral e oferecer pistas compreensivas para aqueles que desejam investir em seu estudo crítico. Os materiais e

temas tratados nesse percurso me estimularam a valorizar a importância de pistas como rastrear e seguir controvérsias, analisar o conteúdo e a forma de tentativas humorísticas (o jogo de palavras ou ideias pelo qual ganha corpo) e as disputas que representam ou suscitam. Nesse ínterim, o poder e a história se mostraram aspectos centrais a serem levados em consideração. O humor dificilmente pode ser estudado fora dos processos sociais e históricos nos quais estão inseridos e ajudam a colocar em tensão. Mas isso não significa dizer que ele se reduz às forças sociais, políticas, históricas e econômicas que denuncia ou defende, antes representa uma relação não resolvida e contingente com essas forças, das quais depende de e vislumbra novas condições de possibilidade. Por conseguinte, é preciso dar atenção aos sentimentos ambíguos que dá vazão ou faz aparecer. Para captar isso parece ser útil seguir seus efeitos, as respostas que provocam e tudo que daí se articula. A descoberta dessas pistas com base em conceitos e problemas colocados pela antropologia e pela psicanálise a respeito do tema me permitiu discutir alguns assuntos polêmicos, mas de urgente exame e debate, como gênero e sexualidade, violência e repressão, migrações, racismo e xenofobia.

Fazer humor, bem como antropologia, é fazer política, é se debruçar e pensar sobre polêmicas e, de forma mais ou menos contraditória ou elaborada, afirmar uma posição. Mas então por que motivos o escrito de James Ferguson parece não suscitar a mesma reserva que as charges do periódico *Charlie Hebdo*? As diferenças de limites entre ambos parecem ser mais de ordem moral, perspectiva e autoridade - que a objetividade e a seriedade assumida no campo antropológico permitem reivindicar - do que necessariamente de objeto. Mas isso não significaria dizer que humor e seriedade se excluem? Então como explicaríamos a crítica séria (e nem por isso sem graça) de Alberto Dines, de Sigmund Freud e de autoras da *Revista Feminina*, para lembrar alguns dos exemplos abordados nesse trabalho? Nesse ponto novamente a psicanálise pode ser útil. Falando da relação analista-paciente, Abrão Slavutzky (1983, p. 72-73) se questiona: “não se poderia pensar que, às vezes, são os terapeutas que buscam impor formas e padrões rígidos de ser e pensar?”. Decerto há uma representação estereotipada do analista como mudo e sério, que nunca pode sorrir ou expressar seus sentimentos, já que “estar sério, não movimentar quase os músculos faciais, dá uma impressão de autoridade”. tocar nesse tema, portanto, seria entrar na “questão do poder e do respeito”, porém, se valendo da sensibilidade peculiar de seus escritos, Slavutzky (1983, p. 73) enfatiza que “seriedade e humor não se opõem”, ao contrário, a “capacidade de humor do analista” poderia (e acrescento, deveria) ser uma “condição importante para seu trabalho”.

Enfim, não se trata de simplesmente reafirmar máximas como “rir é o melhor remédio” ou “rir dos outros é fácil”. Saber a hora certa de fazer graça com certos temas, de expor ao desafio ou mesmo chamar atenção para algo que está passando despercebido,



de provocar a ambiguidade entre riso e angústia, é saber jogar com sua potência criativa e a capacidade de fomentar ideias e novos problemas. Como bem sugere Kupermann (2008, p. 2013), “para habitar esse espaço paradoxal no qual a realidade se constitui a partir do compartilhamento de uma ilusão, o psicanalista [e acredito ou torço que deva valer o mesmo para o antropólogo] não pode, decididamente, se tornar muito sério, arriscando estragar o jogo”. Na medida que seu conteúdo, formas e efeitos têm muito a agregar e engrossar discussões sobre temas tão sensíveis e urgentes nos dias de hoje, a lição para o fazer antropológico parece ser não “estragar o jogo” e permanecer atento e aberto ao humor, tenha ele graça ou não.

## REFERÊNCIAS

- ASAD, T. Introdução a ‘Anthropology and the Colonial Encounter’, Talal Asad [1973]. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 313-327, 2018.
- BENJAMIN. W. **Documentos de cultura. Documentos de barbárie**: escritos escolhidos. Seleção e apresentação Willi Bolle; Tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BONILHA, J. C. A produção literária na Revista Feminina (1915-1936). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, v. 3, n. 1 2013, Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 1-15.
- CODESPOTI, Sérgio. Nova polêmica envolvendo charges do jornal Charlie Hebdo. **UNIVERSO HQ**, s/l, 16 set 2015. Disponível em <<http://www.universohq.com/noticias/nova-polemica-envolvendo-charges-do-jornal-charlie-hebdo/>>. Acesso em: 13 maio 2019.
- DCM. “Tempo negro. Temperatura sufocante”: a atualidade de Alberto Dines, morto nesta terça aos 86 anos. **Diário do centro do mundo (DCM)**, s/l, 22 maio 2018. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/tempo-negro-temperatura-sufocante-a-atualidade-de-alberto-dines-morto-nesta-terca-aos-86-anos/>>. Acesso em: 18 julho 2019.
- DOUGLAS, M. The social control of cognition: some factors in joke perception. **Man, New Series**, v. 3, n. 3, p. 361-376, 1968.
- EL PAÍS. Nove momentos de ‘Friends’ que nos fizeram rir e hoje nos escandalizam. **EL País**, s/l, 14 out 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/09/fotorrelato/1507560594\\_704531.html#foto\\_gal\\_1](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/09/fotorrelato/1507560594_704531.html#foto_gal_1)>. Acesso em: 18 julho 2019.
- \_\_\_\_\_. ‘Friends’ é uma série homofóbica? **El País**, s/l, 10 março 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/07/cultura/1546881720\\_096918.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/07/cultura/1546881720_096918.html)>. Acesso em: 18 julho 2019.
- FERGUSON, J. Of Mimicry and Membership: Africans and the ‘New World Society’. **Cultural Anthropology**, v. 17, n. 4, p. 551-569, 2002.
- FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente** [1905]. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. 1ª Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2017, 352 p.
- GASTALDO, É. As relações jocosas futebolísticas. Futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**, v. 16 n. 2, p. 311-325, 2010.

GAÚCHA/ZH. Ataques como o de Danilo Gentili a Maria do Rosário revelam sexismo. **Gaúcha/Zero Hora**, s/l, 12 abril 2019a. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/noticia/2019/04/ataques-como-o-de-danilo-gentili-a-maria-do-rosario-revelam-sexismo-cjue29ku901mu01rtrt4mcl66.html>>. Acesso em: 18 julho 2019.

\_\_\_\_\_. Danilo Gentili é condenado a 6 meses no semiaberto por injúria contra Maria do Rosário. **Gaúcha/Zero Hora**, s/l, 10 abril 2019b. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/04/danilo-gentili-e-condenado-a-6-meses-no-semiaberto-por-injuria-contramaria-do-rosario-cjubrs5rc011b01rt9r14hllt.html>>. Acesso em: 18 julho 2019.

GAZETA DO POVO. O Charlie Hebdo e a liberdade de expressão nos tempos de redes sociais. **GAZETA DO POVO**, s/l, 19 set 2015. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/o-charlie-hebdo-e-a-liberdade-de-expressao-nos-tempos-de-redes-sociais-0u461p92gaxqe5meew9fwd61g/>>. Acesso em: 18 julho 2019.

GLOBO. McDonald's se desculpa após proibir funcionários de dar comida a sem-teto. **Globo**, s/l, 12 ago 2015a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/mcdonalds-se-desculpa-apos-proibir-funcionarios-de-dar-comida-sem-teto.html>>. Acesso em: 18 julho 2019.

\_\_\_\_\_. Charge do Charlie Hebdo sobre garoto sírio afogado causa revolta. **Globo**, s/l, 14 mar 2016a. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/charge-do-charlie-hebdo-sobre-garoto-sirio-afogado-causa-revolta.html>>. Acesso em: 18 julho 2019.

\_\_\_\_\_. Rainha da Jordânia responde a charge de Charlie Hebdo sobre Aylan. **Globo**, s/l, 16 mar 2016b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/rainha-da-jordania-responde-charge-de-charlie-hebdo-sobre-aylan.html>>. Acesso em: 18 julho 2019.

\_\_\_\_\_. Suspeitos de violência no Ano Novo em Colônia eram estrangeiros. **Globo**, s/l, 11 mar 2016c. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/suspeitos-de-violencia-no-ano-novo-em-colonia-eram-estrangeiros.html>>. Acesso em: 18 julho 2019.

HARAWAY, D. J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

JERÓNIMO, N. A. **Humor na sociedade contemporânea**. Tese (Doutorado) - Universidade da Beira Interior, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Covilhã, 2015, 256 p.

KUPERMANN, D. Perder a vida, mas não a piada. O humor entre companheiros de descrença. In: \_\_\_\_\_. **Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 193-219.

MORAES, T. P. B.; SANTOS, R. M. Charlie Hebdo: Polêmica, religião e o interesse dos usuários de Internet franceses. **Comunicação Pública** [online], v. 11, n. 20, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cp/1193>>. Acesso em 18 julho 2019.

MUGABE, N. A. **Marcadores de diferença e jocosidade entre sujeitos LGBT na cidade de Maputo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2015, 176 p.

NADER, Laura. Ethnography as theory. **Hau: Journal of Ethnographic Theory**, v. 1 n. 1, p. 212-219, 2011.

NATÉRCIA, F. Fazer chiste não é fazer piada. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 7-9, 2005.

OLIVEIRA, L. R. C. Existe violência sem agressão moral? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 135-146, 2008.

O ESTADO DE S. PAULO. 'Charlie Hebdo' faz sátira com menino sírio Aylan Kurdi. **Estadão**, São Paulo, 15 set 2015. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,charlie-hebdo-faz-satira-com-menino-sirio-aylan-kurdi,1762934>>. Acesso em: 26 jul 2019.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. On Joking Relationships. **Africa: Journal of the International African Institute**, v. 13, n. 3, 1940, p. 195-210.

REVISTA FEMININA. **Edição 35**, São Paulo, 1917a, 56 p.

\_\_\_\_\_. **Edição 39**, São Paulo, 1917b, 56 p.

\_\_\_\_\_. **Edição 42**, São Paulo, 1917c, 44 p.

ROCK'NTECH. Os 28 momentos mais malucos e bizarros da série Bob Esponja. **ROCK'NTECH**, 19 set 2013. Disponível em: <<https://rockntech.com.br/28-momentos-mais-malucos-e-sem-sentido-da-serie-bob-esponja/>>. Acesso em: 13 maio 2019.

SLAVUTZKY, A. O humor e o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise e cultura**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 58-75.

\_\_\_\_\_. O dia em que conquistei minha analista. In: \_\_\_\_\_. **Humor é coisa séria**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014, p. 117-130.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO (TJ/SP).

**Processo nº: 0100503-06.2012.8.26.0100**, 2014. Disponível em: <[https://esaj.tjsp.jus.br/cpopg/show.do?processo.codigo=2SZX9YAON0000&processo.foro=100&uuidCaptcha=sajcaptcha\\_6971e3af9ffe49499a6cdb5095987c27](https://esaj.tjsp.jus.br/cpopg/show.do?processo.codigo=2SZX9YAON0000&processo.foro=100&uuidCaptcha=sajcaptcha_6971e3af9ffe49499a6cdb5095987c27)>. Acesso em: 13 maio 2019.

TROUILLOT, Michel-Rolph. La antropología y el nicho del salvaje: poética y política de la alteridad [1991]. In: \_\_\_\_\_. **Transformaciones globales: la antropología y el mundo moderno**. Traducción y presentación: Cristóbal Gnecco. Popayán: Universidad del Cauca, 2011, p. 43-77.

UNGIER, A. Vende peixe-se: uma clínica com humor. In: KUPERMANN, D.; SLAVUTSKY, A. (orgs.). **Seria trágico... se não fosse cômico: humor e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 229-256.

UOL. Desenho no "Charlie Hebdo" diz que Aylan adulto seria agressor de mulheres. **UOL**, São Paulo, 14 mar 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/14/desenho-no-charlie-hebdo-diz-que-aylan-adulto-seria-agressor-de-mulheres.htm>>. Acesso em: 18 julho 2019.

VEJA. Piada x grosseria: a diferença entre o humor e o bullying. **Veja**, s/l, 04 nov 2011. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/piada-x-grosseria-a-diferenca-entre-o-humor-e-o-bullying/>>. Acesso em: 18 julho 2019.

---

Submetido em: 17/02/2020

Aceito em: 30/06/2020

